

FRASEOLOGISMOS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LSB

Francimar Batista Silva¹

João Paulo Francisco Azevedo²

Veronice Batista dos Santos³

Resumo: O presente estudo tem por objetivo discutir as expressões idiomáticas da Língua de Sinais Brasileira enquanto objeto de estudo da Fraseologia e sua inserção enquanto conteúdo formal nas aulas de língua materna e segunda língua, além de apresentar uma proposta de intervenção no ensino das EIs da LSB, por intermédio de um jogo. Esse estudo, está embasado nos autores que tratam da Fraseologia (CORPAS PASTOR, 1996), (XATARA, 1988), (ORTIZ ALVAREZ, 2000, 2011), da Lexicologia (BIDERMAN, 1996) ; (ISQUERDO, 1994) e ensino de línguas (ALMEIDA FILHO, 2001), (GERALDI, 1985, 2012), fraseologismos na Língua de Sinais Brasileira (SANTOS, 2020). O estudo apresentou uma eficácia significativa no uso de cartas para um jogo da memória como proposta didática no ensino de expressões idiomáticas, corroborando com as discussões apresentadas durante o estudo.

Palavras-Chave: Fraseologia, Expressões Idiomáticas, Ensino, Língua de Sinais Brasileira.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo discutir las expresiones idiomáticas de la Lengua de Signos Brasileña como objeto de estudio de la Fraseología y su inserción

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), pós-graduado em Tradução, Docência e Interpretação da Libras, Graduado em Licenciatura Letras-Libras pela Uniasselvi, prof. efetivo de AEE na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Campo Grande (MS). E-mail: francimbatista@gmail.com.

² Graduado em Letras-Libras Licenciatura pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pós-graduado em Língua de Sinais Brasileira; Educação Especial e Inclusiva. Prof. de LSB na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Rondonópolis-MT. E-mail: jp.azevedo2015@gmail.com

³ Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Especialista em Língua de Sinais Brasileira; Graduada em Letras: português/ espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; graduada em Letras -Libras pela Uniasselvi, prof.^a efetiva da Secretaria de Estado de Educação (SED/MS). E-mail: veronicebatistadossantos@hotmail.com

como contenido formal en las clases de lengua materna y segunda lengua, además de presentar una propuesta de intervención en la enseñanza de las EIs de LSB, a través de un juego. En este sentido, acercamos dichas discusiones a los autores que se ocupan de la Fraseología (CORPAS PASTOR, 1996), (XATARA, 1988), (ORTIZ ALVAREZ, 2000, 2011), Lexicología (BIDERMAN, 1996); (ISQUERDO, 1994) y enseñanza de lenguas (ALMEIDA FILHO, 2001), (GERALDI, 1985, 2012), fraseologismos en la Lengua de Señas Brasileña (FARIA, 2010), (SANTOS, 2020). El estudio mostró una efectividad significativa en el uso de tarjetas para un juego como propuesta didáctica en la enseñanza de expresiones idiomáticas, corroborando con las discusiones presentadas durante el estudio.

Palabras-clave: Fraseología, Expresiones Idiomáticas, Enseñanza, Lengua de Signos Brasileña.

Introdução

As expressões idiomáticas são fenômenos linguísticos-culturais que ocorrem no cotidiano dos falantes de todos os sistemas linguísticos, independente da modalidade, a qual está inserida. Assim, por tratar-se de uma ocorrência presente em todas as línguas, espera-se que elas estejam incluídas na prática de sala de aula e que os alunos possam refletir acerca dessas construções e que elas ocupem um lugar dentro dos estudos linguísticos.

Entretanto, não é o que ocorre, uma vez que esses fraseologismos não aparecem nos livros didáticos, e quando aparecem, resultam em menções superficiais e sem nenhum aprofundamento. Como afirma Resende (2012)

Quando se trata do ensino de português como língua materna, as EIs não ganham a devida importância. Importa ressaltar aqui a existência de poucos trabalhos voltados especificamente para o tema, principalmente no que diz respeito a como trabalhá-lo em sala de aula. Esse fato é sustentado por vários motivos, entre eles a escassez de material didático na área, e também, o preconceito existente talvez pelo aspecto coloquial que lhe é peculiar. (RESENDE, 2012, p.12).

Nesse sentido, o ensino de língua portuguesa, por exemplo gira em torno de três eixos: leitura, produção de texto e análise linguística. Ao trabalhar com a análise da língua, o enfoque está sempre na gramática e mais especificamente na noema culta padrão da

língua. Entretanto, o estudo das expressões idiomáticas pode ser realizado em qualquer um desses eixos, uma vez que pode -se orientar a leitura das expressões idiomáticas com enfoque na semântica; no eixo produção escrita, poderia realizar um *corpus* a ser utilizado nas aulas, com uma proposta de um glossário de EIs, e na análise linguística, propor situações de uso, averiguar aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos das EIs.

Nesse contexto, podemos afirmar que há possibilidades de trabalhos interessantes, entretanto não existe uma proposta didático-pedagógica que oriente para o ensino das expressões idiomáticas, enquanto um fenômeno importante do léxico. Ao analisar livros didáticos⁴ dos anos finais do ensino Fundamental Junior (2018), salienta que as atividades analisadas da coleção Português e Linguagens, as expressões idiomáticas foram utilizadas apenas com a finalidade de apresentar as definições dos sentidos denotativos e conotativos.

Ortiz Alvarez (2000, p. 73), considera que as expressões idiomáticas refletem a dinamicidade da língua e se adaptam às necessidades comunicativas. Assim, em qualquer momento, o falante pode optar pela escolha de determinada EI que pode tornar o seu discurso muito mais expressivo e interessante. Mas, se elas estão a serviço da expressividade e criatividade, por que estão fora dos referenciais curriculares? Esse questionamento também é feito por Xatara (1995)

As EI estão, portanto, à nossa volta, enraizadas em nosso dia a dia. Fazem parte da linguagem comum de registro informal, encontrando-se na modalidade oral ou escrita. Mas por que há ainda um número reduzido de estudos aprofundados sobre elas? Por que muitas das EI não fazem parte dos nossos dicionários? Por que há tão pouco espaço para elas nas gramáticas? Por que, enfim, são tratadas como um problema marginal na pesquisa linguística ou no ensino/aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira? (XATARA, 1995, p. 195)

Ainda, segundo a autora, geralmente se desconsidera um estudo mais sistemático das EIs, embora este pudesse representar uma contribuição para a fluência do falante, o qual, além de conhecer a gramática e o léxico de uma língua, deve ainda memorizar um grande repertório de formas cristalizadas, conhecer o seu significado metafórico e saber adequá-las a contextos específicos.

⁴ Os dados analisados de maneira qualitativa estão presentes na coleção didática (6º aos 9º. anos do Ensino Fundamental II), aprovada e recomendada pelo PNLD[2] 2014, 2016, 2017, denominada: Português e Linguagem, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva.

Para Xatara (1995) para um não-nativo interpretar corretamente uma EI, não são suficientes conhecimento extralinguístico e estabelecimento de analogias entre duas culturas. Essa linha de pensamento reforça a afirmação de Plantin (2017) de que no ensino de línguas estrangeiras as expressões idiomáticas têm encontrado maior atenção, e isso decorre provavelmente por apresentarem dificuldades de compreensão para os falantes não - nativos da língua em estudo.

Nesse sentido, propomos aqui uma discussão sobre a invisibilidade desses fenômenos na Língua de Sinais Brasileira (LSB), ponderando aqui, aspectos que contribuem para a marginalização desses fraseologismos no tocante à inserção no ensino da Língua de Sinais como língua materna e/ou segunda língua.

Primeiramente, destacamos a escassez de pesquisas sobre esse fenômeno, uma vez que ao realizarmos um levantamento, percebemos que não há um grande conhecimento acerca da temática em discussão, inclusive nos próprios materiais de ensino da LSB não encontramos propostas de ensino dessas combinatórias.

Em segundo lugar, a falta de reconhecimento e valorização das EIs tal qual acontece na língua portuguesa. Possivelmente por tratar-se de fatos linguísticos advindos da informalidade da língua e, isso vem na contramão da proposta de ensino de línguas da escola, que ainda se perpetua a norma culta padrão, ou seja, uma variação que é dominada por um grupo específico de falantes.

Nesse sentido, é importante refletir que ainda serão necessários muitos estudos e muitas discussões para que as EIs se tornem objetos de ensino e aprendizagem e sejam inseridas nos livros didáticos de ensino de línguas, e que essas propostas didáticas conduzam professores e alunos a entenderem a dinamicidade dessas combinatórias e a riqueza que elas provocam no léxico tanto das línguas orais, quanto das línguas sinalizadas.

É importante destacar que no ensino da língua portuguesa essa discussão já possui certa robustez, pois já se encontram diversos artigos questionando a pouca atenção que é dispensada a esses fenômenos no livro didático. No entanto, quando a pesquisa é aplicada à língua de sinais, não encontramos nenhuma proposta, especialmente nos materiais de ensino. Possivelmente, essa total ausência advém da própria história recente da LSB em sua constituição enquanto língua.

Lexicologia

Para Biderman (1996), o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite o milagre da comunicação, pois de um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar.

Nesse contexto, o falante de qualquer sistema linguístico, seja verbal ou visual espacial, tem ao seu dispor uma infinidade de elementos linguísticos e extralinguísticos que podem ser utilizados nos mais diversos contextos comunicativos. Nesse sentido, tais eventos nem sempre estão pautados na língua enquanto sentido denotativo, dicionarizado, pelo contrário, nesses eventos, a palavra assume uma multiplicidade de sentido que requer do falante uma proximidade com a língua, para entender a metaforicidade, o idiomático e a conotatividade.

Ortiz Alvarez (2000) considera que o léxico já não é mais o parente pobre e esquecido da linguística teórica e aplicada porque é a parte mais flexível e dinâmica da língua onde se refletem de uma maneira mais direta e imediata as mudanças socioeconômicas e culturais que ocorrem nas diferentes comunidades.

Segundo a pesquisadora, ele está no momento de ocupar um lugar de destaque na própria linguística e nas disciplinas de contato, afirmação com a qual nos alinhamos por conceber, neste trabalho, a língua como um produto social e cultural que perpassa todas as esferas do conhecimento, tendo o léxico como o nível que melhor reflete todas as transformações históricas e socioculturais de uma comunidade. Para Isquerdo (1994) a língua reflete através do seu léxico, valores, culturais, linguísticos e sociais:

É postulado aceito que a língua, enquanto instituição social, veicula tendências sociais, culturais, econômicas e políticas. A estreita ligação entre estrutura sociocultural e estrutura linguística é manifesta. Notadamente no léxico, podemos encontrar elementos para a identificação e a explicação da visão de mundo de uma época, pois é justamente nesse nível linguístico que estão inseridas as unidades lexicais por meio das quais se pode inferir a maneira de pensar, de agir, e de ser de uma comunidade sociolinguístico-cultural. (ISQUERDO, 1994, p. 181, **grifo nosso**).

Retomando a ideia de que as lexias complexas constituem, juntamente com as simples, o léxico de uma língua, cabe enfatizar que, atualmente, os estudos lexicais têm chamado a atenção para a existência das unidades fraseológicas, apontando para a sua ocorrência nas mais diversas situações de uso linguístico e nos mais diversos grupos de falantes, seja em contextos formais ou informais. De fato, os usuários da língua costumam fazer o uso de fraseologismos, uma vez que eles imprimem maior expressividade à discursividade linguística.

Nesse sentido, cabe estabelecer que as unidades fraseológicas compõem o léxico da língua e que de acordo com Plantin (2012) seriam aquelas em que o grau de coesão é absoluto, sendo o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado. E esse significado não é resultado da soma dos significados de cada elemento, mas agregados assumem uma nova significação.

Na composição dessa combinatória temos dois componentes lexicais: conhecer e resumo. Porém, enquanto unidade fraseológica os componentes perdem o sentido primário, enquanto lexias simples e assumem uma nova significação. Apresentando uma polilexicalidade, embora nem todas as EIs na LSB sejam polilexicais, encontramos aqui dois lexemas que se agregam e produzem um único sentido, cumprem com o critério de idiomaticidade, pois é conotativo e, apresentam fixidez, uma vez que não há possibilidade de troca, por exemplo, trocar o item lexical (sinal) resumo por relatório.

Caso considerássemos apenas o sentido primário poderíamos pensar que o contexto da conversa seria sobre o conhecimento do gênero textual resumo. Entretanto, o sujeito Surdo utiliza essa combinatória para abreviar uma introdução conversacional dispensável, assim, ele utiliza a expressão: você conhece o resumo? Ou seja, você sabe do que estou falando, não preciso repetir tudo, desde o início.

Figura 1 - Expressão conhecer resumo



Fonte: santos (2020) - Prof. Esp. João Paulo Francisco Azevedo

Fraseologia enquanto disciplina

Para Ortiz Alvarez (2011), a fraseologia descreve o mundo real, as experiências cotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, e por isso torna-se um importantíssimo veículo de identidade e de cultura. As unidades que a integram funcionariam como instrumentos de conduta, aptos para serem aplicados no dia a dia. São formas de conhecimento da história, do pensamento social no decorrer dos séculos e, por essa razão, portadoras das vivências de uma ou mais gerações.

Discorrer sobre a fraseologia, não é uma tarefa simples, envolve uma complexidade decorrente das diferentes concepções de Fraseologia apresentadas pelos pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema, que aparentemente é novo, no entanto, os primeiros estudos linguísticos realizados na história, já chamavam a atenção para essas “idiossincrasias”.

Nessa perspectiva, convém lembrar que o próprio Saussure (1916) já identificara tais combinatórias, as quais ele incluiu em sua definição de relações sintagmáticas, e chamava a atenção para o fato de que essas combinações não poderiam ser improvisadas, por fazerem parte da tradição: “as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir pela reflexão, as partes significativas” (SAUSSURE, [1916] 1969, p. 144).

Nesse aspecto, o termo Fraseologia não apenas possui um caráter denominativo para os fenômenos apontados na língua, como também nomeia a disciplina que abarca o seu estudo. Assim, em seu *Manual de Fraseología Española*, Corpas Pastor (1996) apresenta o termo

fraseologia como único, tanto na nomeação da disciplina quanto dos fenômenos por ela estudados, deixando claro os entraves que envolvem a área.

El término fraseología, al igual que los fenómenos léxicos individuales a los que denomina en general, no está libre de controversia. Los lingüistas no se ponen de acuerdo sobre cuál deba ser el término general que abarque tales fenómenos y mucho menos aún, sobre la clasificación que se deba emplear en su análisis. De hecho, la profusión terminológica y las distintas clasificaciones constituyen uno de los problemas en esta disciplina (CORPAS PASTOR, 1996, p. 16).

Outra definição de Fraseologia enquanto disciplina parte de Vilela (2002) quando ao delimitar o seu objeto de estudo, o autor afirma “passo a designar por Fraseologia a

disciplina que tem como objeto as combinações fixas (diria mesmo congeladas) de uma dada língua”. (VILELA, 2002, p. 160). Entretanto, há autores que adotam a concepção de que a fraseologia está subordinada à Lexicologia, como é caso de García-Page (2008) que na introdução da obra *Introducción a la fraseología española* inicia com as seguintes indagações:

Que es la Fraseología[...] En los estudios de Fraseología se han propuesto, por un lado, diversas ideas acerca del estatus categorial de la Fraseología: ¿es una disciplina autónoma con todas la de la ley, absolutamente legítima, o es una rama auxiliar o gregaria de un árbol frondoso, de tronco acaso inmensurable? ¿Cuál es ese árbol? La Lexicología, por ejemplo.⁵ (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 7).

Nesse sentido, vale destacar que a Lexicologia e a Fraseologia possuem o mesmo objeto de estudo, porém cada disciplina tem características específicas de estudo e análise. Embora alguns autores considerem que a Fraseologia está subordinada à Lexicologia, muitos já apontam para a sua independência enquanto disciplina autônoma que estuda os fraseologismos, os eventos paremiológicos das línguas.

Expressões Idiomáticas

No Brasil, os estudos sobre expressões idiomáticas (EIs) estão centrados em pesquisadores da Lexicologia e mais recentemente da Fraseologia. Dessa forma, encontramos nos estudos de Xatara (1998), Ortiz Alvarez (2000), Riva (2009), alguns critérios que devem ser analisados e que diferenciam as EIs dos demais fraseologismos. Para Xatara (1998)

EIs são lexias complexas (expressões), com sentido conotativo (figurado, metafórico), cristalizadas pela tradição cultural (lexicalizada) e que são parcialmente indecomponíveis porque há restritas possibilidades de substituição que podem ser feitas entre seus termos constituintes (variabilidades restritas) (XATARA, 1998 *apud* RIVA, 2009, p. 22).

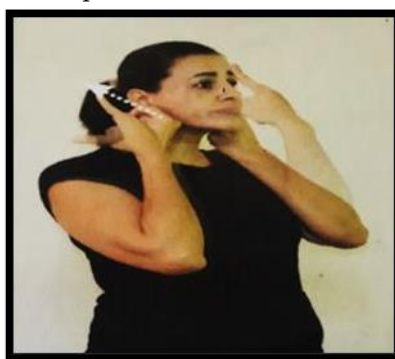
⁵ O que é Fraseologia? [...] Nos estudos da Fraseologia, várias ideias foram propostas, por um lado, sobre o statuscategorial da Fraseologia: é uma disciplina autônoma com todo o direito, absolutamente legítimo, ou é um ramo auxiliar ou agregaria uma árvore frondosa, tronco imensurável? O que é aquela árvore? Lexicologia, por exemplo.(GARCÍA-PAGE, 2008, p.8) Tradução nossa.

Ortiz Alvarez (2000) considera que para uma expressão ser considerada idiomática, deve-se verificar se o nível discursivo, seu contexto sentencial, ou seja, se seu sentido é autônomo ou dependente do contexto. Assim, ser dono do próprio nariz (português); *no tener letrero en la frente* (espanhol) são expressões que não precisam de contexto precedente ou conseqüente para sua compreensão idiomática. Portanto, o sentido aqui é autônomo.

Partindo dessas concepções, podemos considerar que a característica mais relevante de uma expressão idiomática é a idiomaticidade. Caso não ocorra tal processo podemos considerar como uma combinação livre, ou seja, cada elemento conserva o seu sentido original como em “navio-escola.” Nessa combinação, não necessitamos de nenhum esforço para entendermos que se trata de um navio onde funciona uma escola. “As expressões idiomáticas funcionam como uma unidade linguística semanticamente transformada” (ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 113).

Esse processo de transformação semântica ocorre em todas as línguas independente de sua modalidade: oral-auditiva ou visual-espacial. Além disso, mesmo pertencendo a mesma modalidade, as transformações semânticas estarão vinculadas a aspectos culturais próprios de cada língua.

Expressão não dar ouvidos



Fonte: Acervo do CAS/MS (2020) - Profa. Ma. Silvana Stral.

Corroborando com essa afirmação encontramos a expressão *não dar ouvidos* (LP) também utilizada pelos falantes da LSB, cujo sentido é o mesmo, e explicado pelos Surdos como algo que não merece atenção, algo sem importância que se joga para trás e que não está nem aí. Na LSB, a combinatória conserva o mesmo sentido, mas há uma adequação na estrutura,

e essa pode estar relacionada às características visuais da LS. Dessa forma, a combinatória atende a elementos culturais específicos de cada língua.

Assim, na LSB, o falante aponta para os olhos e depois faz o movimento com os dedos (indicador e polegar) para trás. A expressão mantém o sentido idêntico nas duas línguas, mas cada uma respeitando seus elementos culturais, assim se o Surdo provém de uma cultura visual, o apontamento não vai para os ouvidos, mas sim, para os olhos. Embora possa ser vista como uma tradução da LP, ela agrega elementos culturais específicos da LS.

Para Xatara e Seco (2014), quando se trata da relação do sentido de uma EI e o sentido do que a constitui, percebemos que essa não é sempre uma relação arbitrária e pode então ser motivada por uma metáfora conceitual subjacente. Temos, portanto, a origem de um culturema. Dessa forma, os culturemas são resultados da condensação de elementos que formam, ao longo do tempo, metáforas consideradas aceitas como tradicionais por um povo em particular, ou por povos em um sentido mais amplo. Essas metáforas criadas pelos culturemas acabam por ultrapassar o nível simbólico e se concretizam nos fraseologismos.

Fraseologia e a Língua de Sinais Brasileira

A LSB, como toda língua, apresenta um repertório linguístico de extrema riqueza, por isso não existe motivo para desacreditar na existência dessas combinatórias específicas de seu sistema linguístico ou por empréstimo da língua portuguesa. Essa afirmação é perfeitamente aceitável, uma vez que há uma grande proximidade entre os falantes dessas as duas línguas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o espaço das pessoas com surdez é habitado de forma extremamente diversa, uma vez que cada sujeito Surdo possui características peculiares, cada um com sua especificidade e, embora a LS seja o ponto de ligação entre eles, há uma forma diferente de conceber a surdez. Assim, há Surdos oralizados que mantêm contato com pessoas surdas e ouvintes, há Surdos que têm acesso à língua portuguesa através do intérprete e há Surdos que são mais reservados e/ou não escolarizados que misturam LS com gestos naturais, isto é, utilizam-se de gestos não estruturados diferentes da estrutura da LSB.

Essa diversidade contribui com os empréstimos linguísticos, inclusive dos fraseologismos, incluindo as expressões idiomáticas, e, nesse sentido, algumas são utilizadas com o mesmo sentido da LP ocorrendo uma espécie de tradução, porém é possível encontrar muitas EIs específicas da LSB e que são compartilhadas e disseminadas entre a comunidade surda.

Importante ressaltar que nem todo fraseologismo pode ser classificado como EI, pois, essas têm características específicas, como assevera Xatara (1998, p. 149), EI são “[...] uma lexia complexa, indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

Na tese *Expressões Idiomáticas no Léxico da Comunidade Surda de Mato Grosso do Sul* (SANTOS, 2020), a autora realiza um estudo sobre a existência dos fraseologismos na LSB e classifica-os em EIs. Nessa perspectiva, a autora realiza uma proposta de organização das combinatórias que estão inseridas no léxico da língua portuguesa e da Língua de Sinais Brasileira e explica que essa inserção ocorre pela exposição e pela proximidade do Surdo com a LP, e as EIs que surgem especificamente advindas da experiência visual do sujeito Surdo no uso de sua língua materna, classificando-as como específicas da LSB.

Ensino de Línguas

De acordo com Almeida Filho (2001), há a necessidade de reflexão por parte dos professores de línguas, que para nós envolve concepção de língua, escolha de uma abordagem e uma visão não apenas da vertente gramatical, mas sobretudo da visão linguística, advindas da observação da função primordial da língua que é a comunicação. Nesse sentido, dentro desse processo contínuo comunicativo, estão os fraseologismos e, por isso merecem uma atenção especial no ensino de línguas.

Os professores de línguas precisam, entre outras coisas, produzir o seu ensino e buscar explicar porque procedem das maneiras como o fazem. Para dar conta desse duplo desafio, o movimento comunicativo tem sugerido alçarmos a posição mais alta o nível de abstração das crenças e pressupostos guias. Isso equivale a elevar a abstração do nível do método (materialidade de ensino, fórmula estável de ação pedagógica) para abordagem (conjunto de conceitos nucleados sobre aspectos cruciais). (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 5)

Nessa perspectiva, a Linguística exige o posicionamento dos professores de língua, no sentido de promover uma reflexão sobre os eventos linguísticos que não são trazidos para o contexto de sala de aula, ou seja, estão na boca/mãos dos falantes de forma cada vez mais criativa, dando maior expressividade e agilidade à língua, mas permanecem fora das salas de aula, enquanto objeto de ensino e aprendizagem.

Como argumenta Geraldi (2021) ao falar da dicotomia entre ensino de língua e literatura e tal argumento fundamenta a nossa discussão para a questão do ensino de fraseologismos na LSB, por considerarmos que ensinar fraseologismos é ensinar a língua:

Há uma espécie de intuição por parte de alguns professores mais inquietos deque a superação dessa dicotomia concorre para desenvolver a riqueza de possibilidades do dizer como “predicar”. Formar e apresentar pelo discurso, um ponto de vista, mas essa intuição e o desejo de mudar frequentemente esbarram com o peso da tradição, com a imposição dos programas a cumprir ou mesmo com as justificações teóricas do ensino tradicional da gramática. (GERALDI, 2011, p. 1)

Ao escrever o prefácio da obra *por um ensino de línguas sem pedras no caminho* de Irandé Antunes, o linguista Marcos Bagno, afirma que compartilha com a militância em favor de uma educação linguística que transforme para melhor a vida das pessoas discentes e docentes, uma educação linguística que se concentre no que é relevante para a formação humana e intelectual dessas pessoas, uma educação que seja honesta no que propõe, sem esconder a realidade sociocultural intrinsecamente excludente, que é a propaganda de que sabergramática da língua é saber português.

Esse posicionamento reflete a falta de oportunidade direcionada aos estudos dos fraseologismos, uma vez que o ensino de línguas, ainda está muito centrado no ensino da gramática da língua, enquanto outros fatos linguísticos acabam relegados à falta de estudos e pesquisas que nos tragam para dentro da sala de aula.

Embora, essas discussões estejam centradas no ensino de Língua Portuguesa, no ensino de Língua de Sinais Brasileira não é diferente. Pois, os referenciais ainda apontam o ensino baseado em regras da gramática e ou sobre a Educação de Surdos.

Proposta de ensino de EIs nas aulas de Língua de Sinais Brasileira

Penha (2018) postula que sendo o currículo um instrumento social e político, ele devenortear o trabalho pedagógico e, para isso, precisa conter elementos que auxiliem as escolas a organizarem seus programas de ensino de forma eficaz. Por isso, o currículo é um instrumento que deve ser avaliado com frequência e isso acontecerá a partir da própria prática dos professores no fazer docente.

Ainda nas palavras da autora, são esses professores, no fazer docente, que deverão fazer ajustes necessários, pois a escola não é estática, estando em constante movimento,

redefinindo objetivos, selecionando melhor os conteúdos, aprimorando métodos de ensino e avaliação, organizando recursos didáticos mais condizentes com a experiência visual que caracteriza a cultura surda.

Refletindo sobre as assertivas da pesquisadora, propomos uma prática pedagógica a partir de um “jogo da memória”. Nessa atividade, em uma carta tem-se a expressão idiomática e na outra uma imagem correspondente ao sentido da EI.

Atividade I

Respeitando a vez de cada um, o jogador escolherá uma carta e em seguida, a próxima carta escolhida deve complementar a primeira de forma correta. Por exemplo, se a primeira carta for uma EI, a segunda deverá ser a imagem que a representa.

Atividade II

Nessa proposta, os jogadores utilizarão apenas as cartas com as EIs. A um sinal dado pelo professor, o aluno escolherá uma carta. Em seguida, deverá explicar o sentido da EI e apresentar uma situação de uso dela.

Atividade III

Nessa proposta, os alunos utilizarão apenas as imagens representando as EIs. Cada aluno escolhe uma imagem, explica como é a EI e realiza uma aplicação prática.

Essas propostas de atividades são bastante didáticas e visam ao ensino de línguas de forma lúdica, uma vez que em um ambiente de ensino e aprendizagem de língua, os falantes tendem a sentir-se por muitas vezes tomados por sentimento de insegurança, ansiedade e nervosismo. Tudo isso atrapalha a aprendizagem levando os aprendizes a desistirem das aulas de línguas. Como aponta Barallo (1999)

Cuando empezamos a reflexionar sobre lo que significa aprender una lengua, es decir, sobre qué necesitamos saber para poder comunicarnos en una lengua y como llegamos a adquirir ese conocimiento, empezamos a

darnos cuenta dela gran complejidad del saber lingüístico, y de lo variado y abstracto que es. (BARALLO, 1999, p. 9)⁶

Nesse sentido, acreditamos que a partir da metodologia proposta, os aprendizes se sentirão mais relaxados e seguindo em uma perspectiva lúdica, conseguirão abster-se do pensamento sobre a complexidade de aprendizagem de uma língua, seja enquanto língua materna ou segunda língua.

Considerações

Quanto ao ensino da LSB, parafraseamos Penha (2018), ao afirmar que uma proposta curricular para o ensino da Libras deverá ser refletida no Projeto Político Pedagógico (PPP) das Instituições de Educação e das diretrizes educacionais, municipais e estaduais, pois a língua de sinais não pode ser uma disciplina isolada do contexto no qual está inserida, uma vez que faz parte do corpo de conhecimentos trabalhados nas escolas. Dessa forma, a língua de sinais deveter um caráter interdisciplinar e ser compromisso de todas as áreas de conhecimento, embora sua sistematização ocorra na disciplina de Libras.

Para que cumpramos a Lei 14.191, de 03 de agosto de 2021, que insere a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) como uma modalidade de ensino independente — antes incluída como parte da Educação Especial. Entende-se como educação bilíngue aquela que tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda.

Nesse sentido, consideramos que cumprimos nossos objetivos de discutir os fraseologismos na Língua de Sinais Brasileira e apresentar uma proposta de ensino das expressões idiomáticas nas aulas de LSB por intermédio de jogos.

Consideramos ainda, que esse estudo é apenas introdutório e que muitos outros precisam surgir e reforçar a necessidade de trazer para as aulas, os fraseologismos que estão nas mãos dos sujeitos Surdos que com criatividade e habilidades linguísticas vão juntando itens lexicais que se agregam e vão se cristalizando e transformando-se em uma herança linguística e cultural, que nasce nas “rodas de conversa” de Surdos e ouvintes e se propagam através de suas mãos para todos os lugares.

⁶ Quando começamos a refletir sobre o que significa aprender uma língua, ou seja, sobre o que precisamos saber para poder nos comunicar em uma língua e como chegamos a adquirir esse conhecimento, começamos a perceber a grande complexidade do conhecimento linguístico, e quão variado e abstrato isso é (BARALLO, 1999, p.9) Tradução nossa.

Ao analisarmos, percebemos que não se tratam de “gestos sem importância”, pelo contrário, são elementos linguísticos riquíssimos que devem ser valorizados e pesquisados à luz da Fraseologia e disseminados para todos os usuários, pesquisadores e linguistas que se interessam por esses fenômenos linguísticos.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. O Ensino de Línguas no Brasil de 1978. E agora? Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v .1, n .1, 15-29, 2001

ANTUNES, Irandé . Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Parábola Editorial, São Paulo, 2007.

BARALO, Marta. La interlengua del hablante no nativo. Vademécum para la formación de profesores. Enseñar español como segunda lengua (L2) /lengua extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004, p. 369-389.

BIDERMAN, Maria Teresa. Conceito linguístico de palavra. *In*: BASILIO, Margarida (org). A delimitação de unidades lexicais, v. Temático I, Palavra 5. Departamento de Letras da PUCRio de Janeiro 1999.

BIDERMAN, Maria Teresa. Dimensões da Palavra. Filologia e Linguística portuguesa. UNESP- Campus de Araraquara, São Paulo, n 2, p 81-118, 1998.

BIDERMAN, M. T. Léxico e vocabulário fundamental. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 40, 2001.

CORPAS PASTOR, G. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Glória Corpas Pastor. Trad. Ana Carolina Spinelli. ReVEL, v.15, n.29, 2007. [www.revel.inf.br].

CORPAS PASTOR, G. Manual de Fraseología Española. Madrid: Gredos, 1996.

GARCÍA-PAGE Sánchez, M. Problemas en el empleo de la fraseologia española por hablantes extranjeros: la violación de restricciones. ASELE. Actas VI. Centro virtual Cervantes. 1995, p.155-162.

GERALDI, Wanderley. O ensino de língua portuguesa no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2014. ISBN 9788568334171. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/113739>. Acesso em 10 jun. 2023

ISQUERDO, A.N. O léxico do “soldado da borracha”: uma deriva de valores. Alfa. São Paulo, 1994. p.181-189.

JÚNIOR, Claudemir Ferreira Carvalho. As expressões idiomáticas no livro didático. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 10, Vol. 03, pp. 33-50

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez. Metáforas na LIBRAS -YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KSEDiLG3Tgo>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MONTEIRO – PLANTIN. R. **Fraseologia**: Era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna. v. 1. Fortaleza: Edições UFC, 2002.

MONTEIRO – PLANTIN; R. REVEL na Escola : Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **Revel**, vol. 15, n.29, 2017. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em 10 jun. 2023.

ORTIZ ALVAREZ, M.L; Unternbaumen, E, H. (Orgs). Uma (Re) visão da teoria e da Pesquisa Fraseológicas. São Paulo. Editora Pontes, 2011.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luísa. Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 344 f. **Tese** (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. Campinas São Paulo, 2000.

PENHA, Nilma Moreira da. Parâmetros de ensino em Língua Brasileira de Sinais como **L1**. Indaial: Uniasselvi, 2018.

RESENDE, Priscila. O tratamento dado às expressões idiomáticas na sala de aula. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758

RIVA, Huéinton Cassiano. Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa no Brasil. 2009. 311 f. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/100104>. Acesso em 10 jun. 2023.

SANTOS, Veronice Batista dos. Expressões Idiomáticas no léxico da Comunidade Surda de Mato Grosso do Sul. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILELA, M. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2002.

VILELA, M. Estruturas léxicas do português. Coimbra. Almedina, 1979.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. Alfa, São Paulo, v. 42, p. 147-159, 1998.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. Alfa, São Paulo, v. 39, p. 195-210, 1995.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 183-194, 2001.

XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 502-519, 2014.

DOI: 10.14393/DL15-v8n1a2014-29. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24847>. Acesso em 10 jun. 2023.